

## 07º Concurso FNLIJ Leia Comigo! 2008

### Relato Real:

#### *LEITURA PARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR*

Autora: Jacqueline Lopes Salgado Soares

Venda Nova do Imigrante – Espírito Santos - ES

Eu, professora de Artes e canto-coral. Os alunos, menores carentes de “casa e cultura”, inseridos em um projeto sócio-educativo mantido por três grandes instituições: uma universidade federal, uma prefeitura municipal do interior de Minas e um dos maiores bancos do país. Tínhamos tudo: espaço, infra-estrutura, transporte, alimentação, suprimentos adequados para todas as oficinas. As oficinas eram muitas: arte, música, teatro, dança, esportes, capoeira, mas nenhum trabalho específico no campo literário. Na verdade, não tínhamos tudo, pois faltava a base de todas as artes, a literatura!

Muitas foram as vezes em que cobrávamos da coordenação a inclusão de uma oficina de leitura, pois as crianças pouco tinham contato com os livros, somente liam quando vez ou outra pegavam um gibi no intervalo das aulas, ou quando nós, professores, insistíamos nas aulas teóricas dentro de cada oficina, algo que desagradava aos alunos, tão desacostumados à prática da leitura.

Eu não me conformava! Defendia minhas idéias sempre que podia. Uma educação verdadeiramente democrática (e digo isso principalmente às escolas) tem de se empenhar em oferecer a todos as melhores e mais freqüentes oportunidades de experiências diferentes com a arte, inclusive a literatura.

Só isso poderia deixar-nos razoavelmente tranqüilos diante de qualquer escolha que cada um venha a fazer – sejam elas diferentes ou não das nossas. Temos de dar opção em experiências com arte, atizar aptidões, criar fruidores. Porque se cada leitor tem direito de escolha, cada professor tem o dever de descortinar horizontes, multiplicar as situações para que as escolhas não sejam resultado de falta de vivência.

Mas nossa experiência nos faz acreditar que o contato constante com a arte cria fruidores, com a literatura cria leitores, capaz de atender o convite que ela nos faz de reler o mundo e a nossa própria vida, com boas chances de nos tornar um pouco mais sensíveis e generosos. Ou arrumar cabeças, ou ensinar às pessoas que a língua serve para alguma coisa mais do que colar selos, como bem disse a Pablo Neruda o carteiro Mário na obra *O carteiro e o poeta*. Se entendermos a poesia talvez como a melhor expressão da arte, podemos inserir todas as outras formas de arte juntamente com ela.

Eu tinha esse objetivo. Queria inserir poesia e boa leitura na vida daqueles meninos, ajudá-los a estarem atentos, com olhos, ouvidos, inteligência e coração abertos para a arte e para a literatura, em particular, não é função irrelevante do professor. E, para isso, ele próprio precisa ter essa disponibilidade para as linguagens artísticas.

Foi pensando assim que coloquei a literatura de vez nas minhas aulas.

Comecei numa oficina de artes plásticas. Os alunos chegavam à sala e encontravam poemas colados na parede dos fundos da sala. Havia muitos deles, de vários tamanhos, estilos, autores. Um dos meninos perguntou o que “aqueles papéis” faziam ali. Eu respondi que estavam só enfeitando a sala! E a

sala ficou assim por mais de dois meses, até que numa segunda-feira retirei os poemas da parede.

Quando os alunos começaram a chegar, para minha surpresa, um a um olhava a parede vazia com a “carinha” de decepção, aparentando realmente estar sentido com a ausência dos poemas. Uma menina, no entanto, não se conteve:

– Professora, cadê o poema das borboletas? (se referindo ao poema *As borboletas*, de Vinícius de Moraes). Eu já estava guardando as frases na minha cabeça!

Eu sorri e entreguei uma cópia a ela. Imediatamente, a turma toda reivindicou o seu poema preferido! E todos receberam uma pasta com uma cópia de cada poema que antes “enfeitava” a parede da sala.

Assim, nossa aula de Artes ganhou uma importante parceria, a leitura!

As aulas passaram a ter recitais, jogos literários, ilustração de textos... Trocávamos palavras e versos de lugar, como num poema Dada. Nada era impossível para nós! Em todas as aulas, apareciam livros de todas as partes. Aqueles meninos que até então não sabiam como manusear um livro, passaram a freqüentar a biblioteca da escola, a vasculhar as parcas estantes de suas casas e das casas de seus parentes, em busca de alguma coisa que pudesse ser lida! E eles compartilhavam suas descobertas entre si.

Entre as inúmeras possibilidades de identificar e valorizar a obra literária, o que nos interessava mais de perto era o trabalho em conjunto. Foi o grupo que descobriu a leitura. Eu somente dei um empurrãozinho!

Apesar das aulas de Artes ganharem a companhia inseparável dos livros, foi na oficina de canto que aconteceu a experiência mais incrível de leitura compartilhada. As aulas aconteciam assim: sempre que eu ensinava uma música nova, lia antes com os alunos a letra e, depois de entendidos os versos, ensinava a melodia.

Eis que um dia, porém, entreguei a eles o poema *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira. Lemos muitas vezes, como sempre fazíamos, respeitando e observando a *musicalidade* das linhas desse poema que é uma delícia de se ler! Então um dos alunos perguntou impaciente:

– E a melodia? Como é?

– *Trem de Ferro* não é uma música, embora pareça, é um poema!

– Então, como vamos cantar?

– Exatamente assim, como lemos!

A turma se entreolhou por um tempo e se manteve em silêncio esperando meu “próximo passo”. Formei oito grupos de três e quatro alunos, separados por registro de voz. Os “baixos” começaram: *Café com pão/ café com pão/ café com pão...* Entraram os barítonos: *Virge Maria, que foi isto maquinista?* Até chegarem os contraltos. Ah! E os sopranos faziam o barulhinho do trem: *Oô... Oô...*

Ficou lindo! O poema virou música na leitura dedicada daquelas crianças e fez parte de todas as apresentações do coral, sempre ovacionado pelo público! Repetimos a experiência com muitos outros textos, principalmente os poemas de Vinícius de Moraes e Cecília Meireles.

Com a leitura compartilhada, descobrimos ainda mais o valor de se trabalhar em equipe, e também que a literatura deve estar incorporada a todos os campos do conhecimento.

Não demorou muito para que a OFICINA DE LEITURA fosse criada dentro do *Projeto*, para a alegria, engrandecimento e deleite dos meus pequenos leitores!

### **Relato Ficcional:**

*A MENINA, O RAMO E A VIDA*

Autora: Mighian Danae Ferreira Nunes

São Paulo – SP

Tinha uns onze anos, mas me lembro como se o amanhã fosse hoje. Ganhei um livro quase sem gravuras do meu tio Zé Pereira, ele pernambucano, eu menina de São Paulo que não tinha viajado de pau-de-arara, mas conhecia bem as dores da viagem, vó e vô contando história, vó no pé do fogão, vô pitando cachimbo quando mãe não estava em casa, mãe dizia que ele não podia, que fazia mal pro coração miúdo que ele tinha tanto pito. Mas vô, que foi para a escola só dois anos de sua vida, aprendeu uma frase bonita com um tal Drummond de Andrade, minha mãe virava as costas e ele sussurrava pra vó, que não se chamava Mariquita, mas sempre lhe dava o pito, lhe dava o infinito. O livro? *Vidas Secas*. Naquele tempo, ele parecia enorme, não era obrigação de escola ler o tal do livro, mas eu com onze anos já tinha escolhido o meu tio do coração, Zépê era divertido e nas noites de chuva punha nariz de palhaço e inventava rimas engraçadas que ele mesmo musicava no violão velho lá de casa, era o tio mais legal do mundo. Eu ainda não entendia direito essa história de amor além da mãe e do pai, do vô e da vó, só quando a gente cresce a gente descobre que não tem cartilha de amor, naquela idade eu amava meu tio e não sabia, mas acho que foi melhor assim; ele sabido de tudo sorria, porque eu dava bandeira quando ele me pegava no colo, sem jeito tentava retardar o sono para ele continuar a nina, o cafuné no cabelo, ele enrolando o dedo no meu cabelo encaracolado.

Meu tio me deu o livro de presente e teve de voltar para a cidade onde morava, coisas do coração, disse minha mãe quando voltou da rodoviária, disse meu vô quando ela caiu no choro, não se afobe não, filha, isso passa. Comecei a ler para me lembrar dele, também porque na orelha do livro meu tio havia escrito para uma menina de onze anos que parece mais botão de rosa, então todas as vezes que eu lia um pedaço do livro eu corria na orelha, eu olhava a letra graúda de meu tio e sorria um sorriso que, hoje eu sei, só quem ama sorri daquele jeito, essas coisas não se conseguem escrever assim, mas se tu visses a minha cara naqueles tempos não precisaria escrever mais nada. Eu lia, mas era difícil entender todas as palavras, eram coisas da terra de meu tio, eram coisas que falavam muito de tudo que ele viveu e que por certo estaria vivendo, pensava eu.

Um dia meu vô encostou, disse que queria ouvir um pedaço da leitura, assim para distrair. Fui juntando as letras e fazendo cara de menina esperta, mas foi só quando meu vô deu uma gargalhada que não resisti e perguntei se ele entendia tudinho que estava escrevinhado ali, meu vô tranquilo com a paz de quem conhece o infinito me disse que sim, aquelas palavras diziam sobre sua vida, sua lida com a terra, seca e imensidão de nada pela frente, o ano todo na labuta, meu vô falava e parecia que o livro tinha ganhado vida. Depois desse dia, todas as vezes que chegava da escola, antes do almoço gostoso da

vó eu me sentava no chão da cozinha e vô já ia se chegando, vinha arrastando os chinelos pela casa, acendia o cachimbo no fogão e se sentava na sua cadeira de palha, era o sinal para que eu começasse a contar em voz alta sua vida em prosa. Quando queria falar pigarreava baixinho, e aí me explicava qualquer palavra ou contava um caso seu, alguma coisa que lembrava e que se parecia com os escritos de Graciliano, o Ramos; descobri em meu vô um contador de histórias melhor que a minha professora, que parecia nunca ter saído do seu apartamento no centro da cidade, que parecia não ter enfrentado cobra pela frente ou pescado peixe grande num afluyente do São Francisco.

Era chape-chape, macambira, regalado, bornal, cambada, ensebado, catinga, tremura, bolandeira, aió, capiongo, essas palavras e tantas outras, e todas juntas formavam frases inteiras de coisas sem sentido para mim, mas meu vô ia me dizendo todos os nomes, ditando, entre substantivos e adjetivos, um mundo novo de verdades tantas que faziam confusão na minha cabeça pra no final me fazer sorrir como quando meu tio Zé me chamava para dançar com ele no quintal de casa, chão forrado de estrelas. Fiquei com vontade de ter uma cachorra magrinha e esperta, para chamá-la de Baleia, assim quando meu tio voltasse, ia saber que eu tinha lido todo o presente, de cabo a rabo.

Quando descobri que Fabiano, assim como minha mãe, chamava o patrão dele de “os brancos”, entendi que aquela história era a história não só do vô mas de toda minha família, coisa mais estranha é ver sua vida assim escrita há tempos, antes de tu nascer, para todo mundo ver. E descobri também que meu tio Zé Pereira não voltaria mais, e isso foi quase na mesma época em que acabei de ler o livro. Agarrada na saia de minha vú eu disse o coração é que manda né, e então ela desatou a chorar ali mesmo no pé do fogão, não entendi. Meu vô, com toda a calma do mundo, veio da sala como sempre arrastando os chinelos e do meu lado se acocorou, para me explicar que meu tio Zé tinha coração enorme demais para esse mundo seco, que por isso ele tinha ido embora, para sempre.

Assim que toda a vez que sinto saudade de meu tio Zépê, abro um livro qualquer e me sinto, de novo, um botão em flor, ramo de vida que vez outra pode até ser seca, mas não perdeu a esperança. E sendo verde a esperança, há sempre chances de alguma coisa daí brotar. Continuemos, então, para dizer todas as palavras que ainda faltam vir ao mundo.